

OXIGÊNIO

AGOSTO 2021



NÚMERO 24



MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA:
“Minha pátria é minha língua”



O Museu da Língua Portuguesa reabriu suas portas! Com novas experiências e conteúdo revisto e ampliado, é a matéria de destaque dessa edição. Aqui você fica a par de tudo o que pode vivenciar na instituição que renasce após o incêndio de 2015.

Outra boa nova são as inscrições para o *Jardim Imaginário* na Casa Museu Ema Klabin/SP: artistas podem se inscrever para participar do projeto até o dia 20.

No universo do cinema, acompanhe a programação online do mês no MUBI. E no dia 3 tem concerto gratuito no Teatro Gazeta, regido pelo maestro João Carlos Martins com a Orquestra Bachiana Filarmônica Sesi-SP.

O mural do brasileiro Thiago Mazza está fazendo sucesso no festival do MURO LX_2021, em Lisboa, assim como o livro recém lançado sobre a história e o íntimo do Jardim Botânico, no Rio.

Em Londres, quem chama a atenção é a mostra de Michael Armitage, com sua visão crítica sobre os as versões estereotipadas da África.

Ainda no continente europeu, o fascínio de Gruyères, uma volta ao passado que acaba em fondue.

E para dar sabor aos dias de inverno descubra como o vinho branco combina com a estação. Com uma moqueca baiana, então, é irresistível. Prove e confira.

Boa leitura!

04

OXIGENE: Inscrições abertas até dia 20 para o *Programa Jardim Imaginário*, na Casa Museu Ema Klabin / SP | Novas produções brasileiras e especial dedicado a Guillaume Brac serão apresentados na plataforma de cinema de arte MUBI ao longo deste mês | Dia 3, em concerto gratuito no Teatro Gazeta, maestro João Carlos Martins e Orquestra Bachiana Filarmônica SESI-SP dão sequência à temporada 2021

09

ARTE URBANA: Muralista brasileiro brilha em Lisboa exaltando a flora local

12

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA: “O que quer o que pode essa língua?”

22

TURISMO: Gruyères – uma volta ao passado que acaba em fondue

28

BEBIDAS: Vinhos brancos amadeirados – ótima pedida para os dias mais frios

31

GASTRONOMIA: O segredo da moqueca baiana

33

LITERATURA: Livro narra a história e o íntimo do Jardim Botânico

35

DIRETO DE LONDRES: O paraíso editado de Michael Armitage

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradora: Antonella Kann

Colaboração especial: Daiana Castilho Dias

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

Foto de capa: Joca Duarte, Museu da Língua Portuguesa, exposição de longa duração

INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ DIA 20 PARA O PROGRAMA JARDIM IMAGINÁRIO, NA CASA MUSEU EMA KLABIN



*Controle Remoto,
Gisela Motta
e Leandro Lima
Foto: Ding Musa*

Edital dá oportunidade a novos artistas que poderão expor suas obras no Jardim projetado por Burle Marx



Serviço das Formigas, João Loureiro – Um trem circulou pela Fundação Ema Klabin

Fotos: Marcos Gorgatti

Desde 2013, a Casa Museu Ema Klabin promove o Programa Jardim Imaginário que leva intervenções artísticas para o jardim da casa museu. Sempre com a curadoria de Gilberto Mariotti, artistas como João Loureiro, Paulo Climachauska, Marcius Galan, Gisela Motta e Leandro Lima já deixaram suas marcas por lá.

Este ano, pela primeira vez, o artista que irá criar e exibir sua obra será escolhido por edital público disponibilizado no site da Casa Museu Ema Klabin.

Podem participar artistas, coletivos, grupos e interessados em geral, de qualquer lugar do Brasil, maiores de 18 anos. O projeto de intervenção artística apresentado deverá ser exclusivo para o *Programa Jardim Imaginário*. Só serão aceitas instalações artísticas e não projetos em vídeo ou performances. O edital ficará aberto para inscrições gratuitas até 20 de agosto no site www.emaklabin.org.br. Esta ação integra o projeto "Fundação Ema Klabin 2021: casa e museu", patrocinado pela KLABIN S.A.

SELEÇÃO

A seleção será realizada por uma comissão composta por um membro da Casa Museu Ema Klabin e dois membros externos convidados. O orçamento total da execução do projeto não poderá exceder o valor de trinta mil reais. O selecionado também receberá cachê artístico de quinze mil reais.

EXPOSIÇÃO

A divulgação do contemplado será realizada no dia 6 de setembro no site da casa museu. A produção e montagem da obra deverá ocorrer até 3 de novembro. A previsão é que a exposição ocorra de 6 de novembro a 20 de dezembro.

DIÁLOGO ENTRE ARTE, ARQUITETURA E ACERVO

O *Programa Jardim Imaginário* tem como objetivo criar um diálogo entre a arte contemporânea, a arquitetura e o acervo da Casa Museu Ema Klabin, por meio de trabalhos inéditos cujo ponto de partida, tanto físico quanto simbólico, seja o jardim projetado por Roberto Burle Marx, na década de 50.

CONHEÇA AS EDIÇÕES ANTERIORES DO PROGRAMA JARDIM IMAGINÁRIO

2013 – Serviço das Formigas, do artista João Loureiro
Um trem com oito vagões circulou pela Fundação Ema Klabin levando um conjunto de louça com desenhos de formigas carregando objetos diversos. O trabalho fez referência à coleção de louça imperial da Fundação Ema Klabin, com peças e serviços da Companhia das Índias produzidos para a família real portuguesa.

https://www.youtube.com/watch?v=0LEtE_J16co

2014 – Trepá-trepá, do artista Paulo Climachuska
Estrutura toda pintada em branco fazia referência ao mundo infantil com a finalidade de ligar o mundo lúdico com a arte contemporânea.

2016 – Controle Remoto, dos artistas Gisela Motta e Leandro Lima

Trinta casinhas de passarinhos feitas em madeira, dispostas em seis fileiras de cinco casas, formando um conjunto habitacional. Dentro de cada casa era possível observar luzes e sons de vários programas de televisão.

<https://www.youtube.com/watch?v=tiwsjVlcFwU>

2017 – Penetra, do artista Marcíus Galan
Deslocado de sua função, um portão de lanças, idêntico ao portão principal da casa museu, foi disposto no jardim, convidando o público a testar suas percepções. Também foram realizadas intervenções em outras áreas da casa museu como na entrada principal e dentro do espaço expositivo, além de seu entorno.



Trepá-trepá, Paulo Climachuska

Foto: Vicente de Mello

Penetra, Marcíus Galan

Foto: Marcelo Arruda





Da esquerda para a direita: Stills dos filmes *Dona Flor e seus dois maridos*, *Menarca*, *Lina from Lima*, *Chão*, *All hands on deck*, *I was at home, but...*, *A girl missing*
Fotos: Divulgação e starline / Freepik

NOVAS PRODUÇÕES BRASILEIRAS E ESPECIAL DEDICADO A GUILLAUME BRAC SERÃO APRESENTADOS NA PLATAFORMA DE CINEMA DE ARTE MUBI AO LONGO DESTE MÊS

Para celebrar o 10º aniversário da Sessão Vitrine da MUBI, quatro filmes exclusivos que fazem um recorte atual da produção audiovisual brasileira serão apresentados ao público: *Chão* (Camila Freitas), *Entre Nós, Um Segredo* (Beatriz Seigner, Toumani Kouyaté), *Desvio* (Arthur Lins) e *A Torre* (Sérgio Borges).

O curta feminista *Menarca*, o clássico *Dona Flor e Seus Dois Maridos* e a comédia musical *Lina Fron Lima*, de María Paz Gozáles, também fazem parte da programação de agosto da plataforma.

LUZ DE VERÃO

O especial dedicado a Guillaume Brac apresentará dois clássicos: *All Hands on Deck*, parte da seleção oficial da Berlinale em 2020, e *The Treasure Island*.

Entre as outras atrações do mês estão *A Girl Missing*, o mais recente lançamento do diretor japonês Koji Fukada e *I Was at Home, But...*, de Angela Schanelec, vencedor do Urso de Prata na Berlinale e do Ástor de Prata no Festival Mar del Plata de Melhor Direção.

SOBRE A MUBI

A MUBI é um serviço de streaming global, produtora e distribuidora de filmes. Considerada a maior comunidade de amantes do cinema, está disponível em 190 países, com mais de 10 milhões de membros em todo o mundo, disponível via navegador da web, Amazon Fire TV, aparelhos Roku, Apple TV, Smart TVs LG e Samsung, e também nos aparelhos mobile como iPad, iPhone e Android.

Entre alguns lançamentos recentes e futuros da plataforma estão *First Cow* de Kelly Reichardt, *Beanpole* de Kantemir Balagov, *Notturmo* de Gianfranco Rosi, *Matthias & Maxime*

de Xavier Dolan, *Songs My Brothers Taught Me* de Chloé Zhao, *Dead Pigs* de Cathy Yan, *Four Roads* de Alice Rohrwacher, e *Swallow* de Carlo Mirabella-Davis.

Confira aqui toda a programação do mês e assista em <https://mubi.com/pt>

DATA	TÍTULO	DIRETOR
01/8	Chão	Camila Freitas
02/8	The one I love	Charlie McDowell
03/8	A parte do mundo que me pertence	Marcos Pimentel
04/8	All hands on deck	Guillaume Brac
05/8	Treasure island	Guillaume Brac
06/8	Paris, love, cut	Arnaud Viard
07/8	A girl missing	Koji Fukada
08/8	The devil and Daniel Johnston	Jeff Feuerzeig
09/8	Mexeu com uma, mexeu com todas	Sandra Werneck
10/8	Diary for my children	Márta Mészáros
10/8	The company	Robert Altman
11/8	Entre nós, um segredo	Beatriz Seigner, Toumani Kouyaté
12/8	Desvio	Arthur Lins
13/8	Killer Joe	William Friedkin
14/8	Good Hair	Jeff Stilson
15/8	Along the Coast	Agnès Varda
16/8	Menarca	Lillah Halla
17/8	Hedi	Mohamed Ben Attia
18/8	Three Crowns of the Sailor	Raúl Ruiz
19/8	Late August, Early September	Oliver Assayas
20/8	A Single Girl	Benoît Jacquot
21/8	Masques	Claude Chabrol
22/8	A Torre	Sérgio Borges
23/8	Lina From Lima	María Paz González
24/8	Brother	Takeshi Kitano
25/8	Purple Sea	Amel Alzakout, Khaled Abdulwahed
26/8	Tangerine	Sean Baker
27/8	I Was at Home, But...	Angela Schanelec
28/8	Silver Linings Playbook	David O. Russell
29/8	Eureka	Shinji Aoyama
30/8	Dona Flor e Seus Dois Maridos	Bruno Barreto
31/8	Lucky	John Carroll Lynch



Maestro João Carlos Martins

Foto: Fernando Mucci.

DIA 3, EM CONCERTO GRATUITO NO TEATRO GAZETA, MAESTRO JOÃO CARLOS MARTINS E ORQUESTRA BACHIANA FILARMÔNICA SESI-SP DÃO SEQUÊNCIA À TEMPORADA 2021

Concerto com participação dos solistas Francielle Barros e Jean William é realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Ministério do Turismo

O maestro João Carlos Martins – que tem sua trajetória contada na exposição “João Carlos Martins – 80 anos de Música”, no Centro Cultural Fiesp, em São Paulo – retorna ao palco do Teatro Gazeta com a Bachiana Filarmônica Sesi-SP para mais um concerto da Temporada 2021, em 3 de agosto, terça-feira, às 18h, com entrada gratuita.

O concerto se inicia com o primeiro movimento da Sinfonia nº 40, *Molto Allegro*, de Wolfgang Amadeus

Mozart, e segue com Heitor Villa-Lobos, aqui representado pelo sereno e contemplativo *Prelúdio*, primeiro movimento da Suíte Bachianas Brasileiras nº 4, e a Bachiana nº 5, composta de dois movimentos: *Ária (Cantilena)* e *Dança (Martelo)*, com a participação da solista Francielle Barros.

Duas obras de Giacomo Puccini dão sequência ao concerto. Para *O Mio Babbino Caro*, considerada uma de suas mais belas composições, criada especialmente

para a voz feminina de soprano e imortalizada por Maria Callas, o maestro João Carlos Martins convida a solista Francielle Barros, e em *Nessum Dorma*, ária mais conhecida do compositor, do último ato da ópera *Turandot* e imortalizada na voz de Luciano Pavarotti, que ganha interpretação do tenor Jean William.

William e Francielle se encontram no palco para interpretar duas canções de Andrew Lloyd Webber, compositor de grandes sucessos do teatro musical: *All I Ask of You*, composta para o final do primeiro ato do musical *O Fantasma da Ópera*, e *Amigos Para Siempre (Friends for Life)*, escrita para os Jogos Olímpicos de Verão de 1992 em Barcelona.

Fechando o concerto, Martins assume o piano em *Ne me quitte pas*, canção francófona, composta, escrita e cantada pelo cantor e compositor belga Jacques Brel que se tornou célebre pela versão de Edith Piaf.

SERVIÇO

Maestro João Carlos Martins e Bachiana Filarmônica Sesi-SP - Temporada 2021

Regência: João Carlos Martins

Solistas: Francielle Barros e Jean William

3 de agosto (terça-feira), às 18h

Teatro Gazeta

Av. Paulista, 900 - São Paulo – SP

Duração: aprox. 80 minutos

Classificação etária: Livre – Menores de 15 anos de idade deverão estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

O concerto contará com intérprete de libras e serviço de áudio descrição, disponível ao público.

INGRESSOS GRATUITOS

Bilheteria do Teatro: de terça-feira a domingo, das 14h até o início do último espetáculo

Pela internet: <https://teatrogazeta.showare.com.br/>



Solistas Francielle Barros e Jean William



Fotos Divulgação



Foto: Divulgação

MURALISTA BRASILEIRO BRILHA EM LISBOA EXALTANDO A FLORA LOCAL

Uma celebração da vida em sociedade pós-isolamento é o tema do festival do MURO LX_2021 desse ano, em Lisboa. Entre as obras que já podem ser vistas pela população local e visitantes está o mural de 220 m² do pintor mineiro Thiago Mazza, que criou um verdadeiro jardim urbano só com flores locais. Ele foi o único artista brasileiro convidado para o evento considerado o principal festival de arte urbana da capital portuguesa.

Mazza conta que, quando foi convidado pela Câmara Municipal de Lisboa para participar do festival MURO LX, pensou em fazer um trabalho com suas plantas tropicais. Mas a sua imersão na região da Ericeira, por conta da quarentena obrigatória, o fez mudar de ideia. Ali teve contato com a natureza do lugar, subiu montanhas e desceu ao mar catalogando todas as plantas que achava interessantes e que despertaram a sua atenção tanto pela cor como pela forma.

O artista revela que esse mural foi um dos mais desafiadores da sua carreira. Ao invés de utilizar o verde predominante com cores vivas intercaladas, como costuma fazer nas obras com plantas tropicais, em Portugal encontrou algo diferente: cores bem mais contrastantes,



Foto: Divulgação

com os campos repletos de pontos amarelos, roxos e vermelhos.

Acostumado a pintar folhagens densas, flores rígidas e grandes, Mazza conta que se perdeu na quantidade de pétalas, espinhos e luzes que se formavam em uma única flor do campo. O verde tão presente em suas composições, ali no campo português é tímido e se mescla com o dourado e amarelo, tornando-se um mero coadjuvante que sustenta em seu topo uma explosão de cores e formas que são enaltecidas pela luz amarela do fim de tarde em Portugal. Para o artista, de todas as plantas escolhidas uma é especial: a alcachofra selvagem, também conhecida como cardo. Ela é representada no início e no fim do mural, em dois estágios de sua vida.

Além da forma cheia de espinhos que cria incríveis contrastes de luz e sombra, essa planta tem uma história muito interessante. Manda a tradição que se queime a sua flor durante o solstício de verão, pois uma vez mergulhada em água fria voltará a florir. Das cinzas às cinzas, a alcachofra manifesta em si o eterno retorno, a negação da morte, a ressurreição.

Thiago Mazza é conhecido na cena mundial de arte urbana contemporânea por seu domínio na representação da fauna e da flora. Seu assunto atual de estudos, inspirado no artista e paisagista brasileiro Burle Marx, são plantas tropicais, sua estrutura exuberante e densa folhagem.

A decisão de pintar a flora portuguesa no lugar das tropicais objetiva estabelecer um diálogo com o entorno e com o público, além de mostrar para a população local que a natureza da região é tão exuberante como qualquer outra. *"Busco despertar sentidos e levar a natureza até as pessoas",* afirma Thiago. *"A minha intenção é que as pessoas valorizem a flora nativa e vejam como são bonitas as flores que crescem espontaneamente no campo, num lote vago ou até num quintal abandonado."*

Neste momento histórico de retomada das atividades e conscientização do impacto da humanidade sobre o meio ambiente, e da necessária preservação da natureza, a imagem de beleza natural da obra de Mazza dialoga neste contexto: a arte pública pode e deve se transformar em conteúdo e estética no espaço urbano.

O artista constrói, através da sua pintura, jardins no concreto, afetando a nossa perspectiva sobre a relação entre natureza e cidade. Seu processo criativo é sempre

o de produzir composições reais com plantas para levá-las aos muros de forma a apresentar um jardim que transcende a ação do tempo.

SOBRE O ARTISTA

Thiago Mazza, 1984, nasceu em Belo Horizonte. É graduado em Design Gráfico pela Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG. Autodidata em pintura, ele teve contato com graffiti em 2010 e depois começou a pintar paredes. Thiago aparece como um grande expoente do muralismo contemporâneo brasileiro. Ele possui participações em festivais em todo o mundo, como *Artscape* (Suécia), *Vukovart* (Croácia), *UpFest* (Reino Unido), *Stenograffia* (Rússia), *IPAF* (México) e *CURA* (Brasil). Seu trabalho dialoga com pintura clássica, arte de rua e arte contemporânea. Thiago Mazza traz a natureza para ele, a engenhosidade para transmutá-la e a arte de nos levar a ela.

Mais informações em www.festivalmuro.pt
www.thiagomazza.com.br



“O QUE QUER
O QUE PODE
ESSA LÍNGUA?”



Foto: MLP / Wikipédia

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA
É REINAUGURADO
COM NOVAS EXPERIÊNCIAS
PARA OS VISITANTES

Espaço reabre ao público com conteúdo renovado, após incêndio em dezembro de 2015



Exposição de Longa Duração *Viagens da Língua*

Foto: Ciete Silvério

O Museu da Língua Portuguesa, um dos primeiros museus totalmente dedicados a um idioma, é reinaugurado depois de cinco anos e meio de reconstrução.

Instalado na histórica Estação da Luz, em São Paulo – cidade com o maior número de falantes de português no mundo – celebra a língua como elemento fundador da nossa cultura.

Por meio de experiências interativas, conteúdo audiovisual e ambientes imersivos, o visitante é conduzido a um mergulho na história e na diversidade do idioma falado por 261 milhões de pessoas em todo o mundo.

CONTEÚDO REVISTO E AMPLIADO

O conteúdo do Museu foi atualizado. Em sua exposição de longa duração, a instituição apresenta

experiências inéditas e outras anteriormente existentes, que marcaram o público em seus 10 anos de funcionamento (2006-2015), período em que recebeu cerca de quatro milhões de visitantes e promoveu mais 30 exposições temporárias.

Entre as novas instalações estão *Línguas do Mundo*, que destaca 23 das mais de sete mil línguas faladas hoje no planeta; *Falares*, que traz os diferentes sotaques e expressões do idioma no Brasil, e *Nós da Língua Portuguesa*, que apresenta o idioma no mundo, com os laços, embaraços e a diversidade cultural da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Continuam no acervo as principais experiências, como

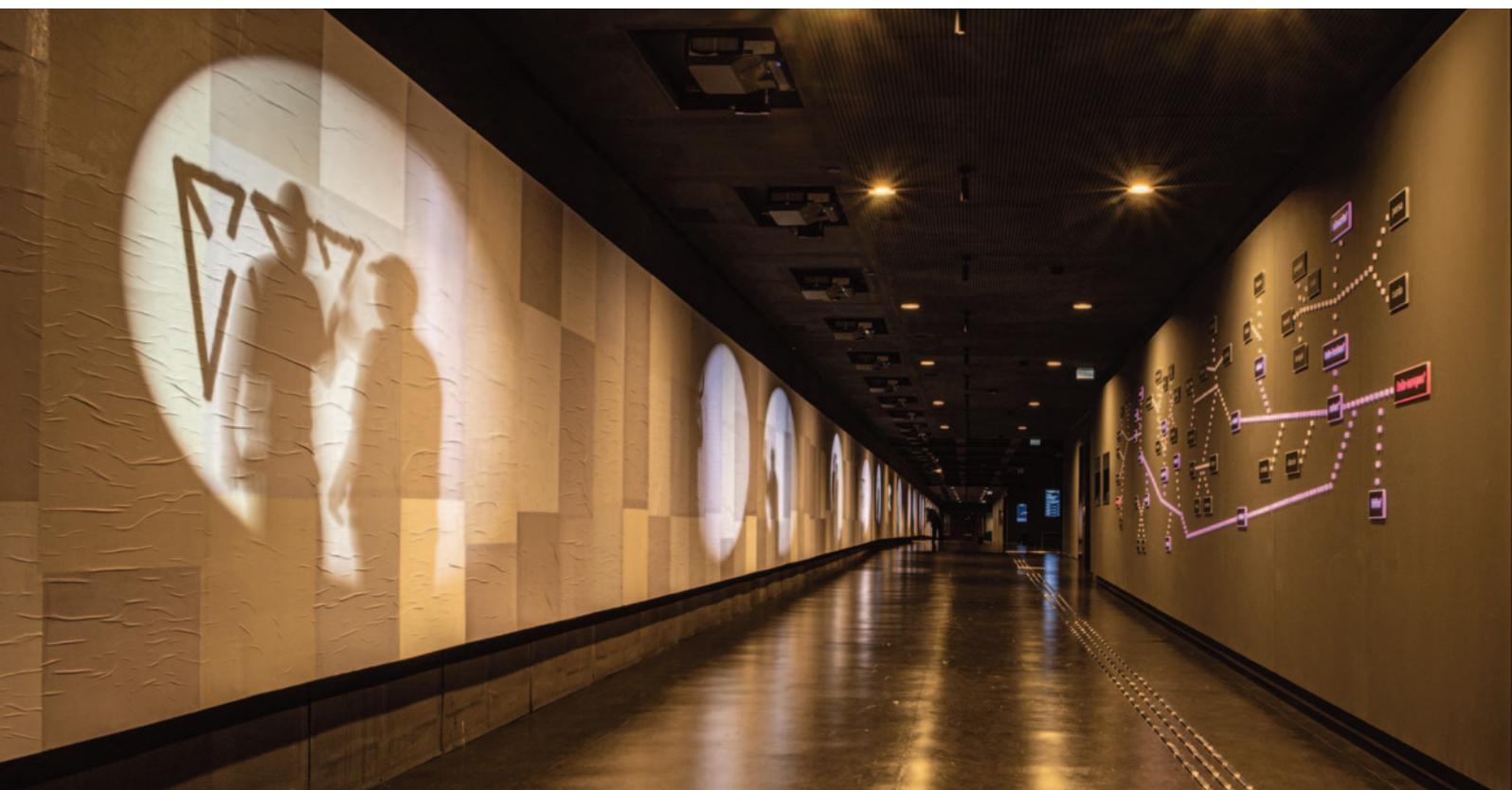
a instalação *Palavras Cruzadas*, que mostra as línguas que influenciaram o português no Brasil, e a *Praça da Língua*, espécie de “planetário do idioma” que homenageia a língua portuguesa escrita, falada e cantada, em um espetáculo imersivo de som e luz.

Com curadoria de Isa Grinspum Ferraz e Hugo Barreto, o conteúdo foi desenvolvido com a colaboração de escritores, linguistas, pesquisadores, artistas, cineastas, roteiristas, artistas gráficos, entre outros profissionais de vários países de língua portuguesa.

A completa recuperação arquitetônica e readequação de seus espaços internos manteve os conceitos estru-

Exposição de Longa Duração *Viagens da Língua*

Foto: Joca Duarte





Exposição de Longa Duração *Viagens da Língua*

Foto: Joca Duarte

turantes do projeto de intervenção original – assinado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha e seu filho Pedro, em 2006 – e ganhou aperfeiçoamentos.

No térreo, o museu abre-se à estação, reforçando sua comunicação com a cidade. Nos andares superiores, áreas foram otimizadas, novos materiais foram introduzidos e a instituição ganhou mais salas para suas instalações.

No terceiro piso, um terraço com vista para o Jardim da Luz e a torre do relógio compõe o espaço criado para homenagear o arquiteto Paulo Mendes da Rocha, que

morreu este ano. A nova versão foi concebida por Pedro Mendes da Rocha, sob a coordenação de Ana Paula Pontes e Anna Helena Villela.

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

1º andar – *Língua Solta*

A exposição temporária de reabertura do Museu, “*Língua Solta*”, traz a língua portuguesa em seus amplos e diversos desdobramentos na arte e no cotidiano. Com curadoria de Fabiana Moraes e Moacir dos Anjos, a mostra, com 180 peças, conecta a arte à política, à vida



Exposição temporária *Língua Solta*

Foto: Ricardo Amado

em sociedade, às práticas do cotidiano, às formas de protesto e de religião, em objetos sempre ancorados no uso da língua portuguesa.

Cartazes de rua, cordéis, brinquedos, revestimento de muros e rótulos de cachaça se misturam a obras de artistas como Bispo do Rosário, Mira Schendel, Leonilson e Jac Leirner, entre outros.

Além deles também participam da mostra os artistas Jonathas de Andrade, Dora Longo Bahia, Lia Chaia, Cinthia Marcelle, Fabio Morais e Rosângela Rennó, representados pela Galeria Vermelho.

EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO

2º andar – *Viagens da Língua. Experiências:*

Línguas do mundo – Em uma das novas experiências do museu, 23 mastros se espalham pelo hall do 2º andar, cada um com áudios em um idioma. São saudações, poemas, trechos de textos e canções em gravações feitas por falantes de português, espanhol, italiano, alemão, francês, inglês, russo, hindi, grego, armênio, farsi, árabe, idiche, mandarim, japonês, coreano, turco, yorubá, quimbundo, quéchua, guarani-mbyá, yanomami e basco.

As línguas foram escolhidas entre as sete mil existentes, segundo os critérios de seus laços com o Brasil – principalmente pela imigração – ou por representarem diferentes regiões do mundo e suas famílias linguísticas.

Laços de família – O tema das várias línguas do mundo e sua organização em famílias segue pela parede do

corredor da *Rua da Língua*. Um diagrama animado desenvolve-se para mostrar a evolução da família indo-europeia, da qual o português faz parte, e o parentesco entre grupos linguísticos.

Rua da Língua – A instalação que se estende por toda a Grande Galeria – mimetizando a linha do trem da Estação da Luz alguns andares abaixo – teve seu conteúdo todo renovado. Para convidar o visitante a

refletir sobre a linguagem na vida urbana contemporânea, as telas “se transformam” em paredes, murais, outdoors.

Como nas ruas das cidades, ali surge a poesia-relâmpago dos fragmentos verbais eruditos e populares: expressões, provérbios, pichações, poemas, propaganda, inscrições anônimas da grande cidade, em desenhos surpreendentes.

Exposição temporária *Língua Solta*

Foto: Ricardo Amado





Exposição temporária *Língua Solta*

Foto: Ricardo Amado

Beco das palavras – Uma das experiências que se mantiveram no Museu, com tecnologia renovada. Nas mesas interativas, o público deve formar palavras, descobrindo de forma lúdica a origem dos vocábulos da língua portuguesa e os mecanismos secretos com que nossa língua pode sempre se renovar.

Palavras cruzadas – Um dos principais espaços expositivos do Museu desde sua inauguração, também teve sua tecnologia multimídia renovada. Oito totens interativos com recursos audiovisuais e painel explicativo expõem as influências das principais línguas e povos que contribuíram para formar o português do Brasil.

O português do Brasil – Estudar o português do Brasil é também estudar a história da formação do país e de

seu povo. Esta Linha do Tempo passeia por diferentes períodos históricos – desde o Império Romano e Mundo Árabe, passando pelas Grandes Navegações, influências indígenas e africanas até questões atuais – através da combinação de diferentes recursos expográficos, como vitrines com objetos, textos, depoimentos de especialistas, mapas animados, vídeos históricos e obras literárias.

Nós da língua – A instalação “*Nós da Língua Portuguesa*”, novidade na exposição e que amplia a presença da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) no Museu, tem duplo objetivo: mostrar a presença estabelecida da língua portuguesa no mundo— o idioma é falado hoje em cinco continentes por 261 milhões de pessoas – e mapear suas novas movimentações.

Na instalação audiovisual, os pontos em comum e a diversidade que marcam a língua portuguesa no mundo são reveladas através de três eixos: o intercâmbio entre os povos com o mesmo idioma, a ruptura dos colonizados com a língua dos colonizadores, e a invenção, com as trocas que enriquecem a língua até hoje.

O visitante navega pelos diferentes rostos e sotaques, imagens históricas, conflitos, paisagens, culturas e formas de comunicação que compõem as identidades dos países.

3º andar – *O que quer e o que pode essa língua*

Experiências:

Falares – “*Falares*” é como a língua se expressa nas falas do Brasil, nos territórios, nos corpos, nas gírias, na fala dos mais velhos, na linguagem das ruas, nas rezas, nas brincadeiras das crianças.

É uma das novas experiências audiovisuais do Museu. Nove grandes telas verticais formam uma espécie de “bosque” de falares, mostrando a diversidade do português brasileiro, suas variações geográficas e socioculturais. O visitante passeia por entre as telas, percebendo diferentes aspectos da língua portuguesa viva.

O que pode a língua – No auditório, o público é convidado a mergulhar em um filme poético sobre o desenvolvimento da linguagem e seu poder criador, concebido e dirigido por Carlos Nader.

Praça da Língua – Uma das experiências originais do Museu, a Praça da Língua mantém parte do seu conteúdo, homenageando a língua portuguesa escrita, falada e cantada em um espetáculo imersivo de som e luz. Concebida por José Miguel Wisnik e Arthur Nestrovski, traz um mosaico de músicas, poesias, trechos literários e depoimentos em língua portuguesa – de Carlos Drummond de Andrade a Dorival Caymmi, passando por Fernando Pessoa, Nelson Rodrigues e Lamartine Babo –, interpretados por nomes como Maria Bethânia e Matheus Nachtergaele.

INGRESSOS – <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>

Os ingressos podem ser adquiridos exclusivamente pela internet, com dia e hora marcados, e a capacidade de público está restrita a 40 pessoas a cada 45 minutos. Os visitantes recebem chaveiros *touchscreen* para evitar toque nas telas interativas.



GRUYÈRES : UMA VOLTA AO PASSADO QUE ACABA EM FONDUE



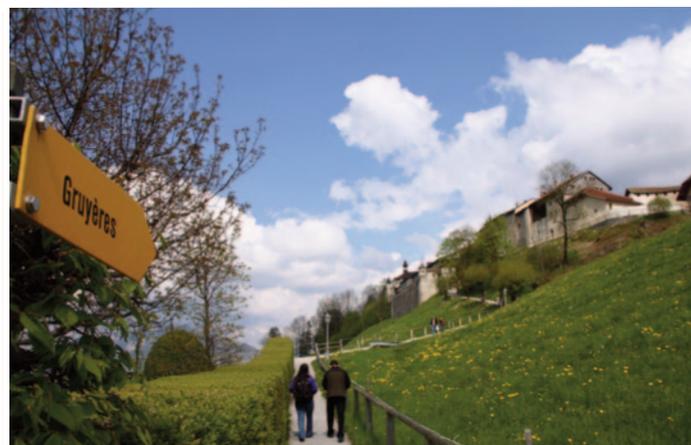
Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

Edilicemente situado no topo de uma montanha em miniatura, o vilarejo de Gruyères se destaca no horizonte como uma aparição cênica, digna de uma filmagem de um conto de fadas. Quem chega pela estrada, vindo de Bulle, corre o risco de ficar sob efeito hipnótico e não conseguir mais apreciar o que está em sua volta. Seria uma pena, porque a região do cantão de Fribourg é linda, coberta de planícies verdes, campos arados, flores coloridas em abundância, onde antigas *fermes* (fazendas) ainda se mantêm em atividade para cuidar de seus rebanhos saudáveis e tilintantes.

A torre do castelo se sobressai de longe, mas ao mesmo tempo se retrai atrás das muralhas à medida que o visitante se aproxima. Foram 19 condes de Gruyères que viveram nele entre os séculos XI e XVI. Hoje, sem mais nobre ou habitante ilustre, o castelo apenas domina, imponente e grandioso, a paisagem da redondeza.

São poucos quilômetros que faltam e o caminho para chegar ao destino é simples, pois basta seguir as placas e a estradinha sinuosa que desemboca no portal da cidade. Como ninguém pode circular de carro em Gruyères, os visitantes são obrigados a estacionar em uma das duas áreas demarcadas, localizadas no pé do vilarejo. Depois, basta uma curta caminhada para entrar na cidade medieval.

Entra-se em Gruyères como se estivesse atravessando o túnel do tempo, deixando do lado de fora o século



XXI. Protegida pelas imponentes fortificações, a cidade é composta por apenas uma larga rua principal que desce e sobe, uma parte asfaltada e outra calçada de pedra. Ladeada por autênticas construções, hoje transformadas em hotéis, restaurantes com terraços ao ar livre, lojas de *souvenirs* e, é claro, nas residências dos habitantes locais, acaba sendo o lugar mais animado e concorrido da cidade.

Um magnífico chafariz no centro é mais um atributo de charme. Durante os meses de primavera e verão, os

tradicionais vasos de gerânios decoram as janelas de quase todas as casas, além das flores que são plantadas nos canteiros como obras de arte.

Gruyères é um daqueles típicos cartões postais suíços, e atrai anualmente milhares de visitantes. O programa favorito da maioria, que costuma chegar um pouco antes do meio-dia, é ficar percorrendo o vilarejo, bisbilhotar as lojinhas onde têm biscoitos, queijos, mel, doces, geleias, chocolates, e todas aquelas bugigangas que turista adora. Depois é subir até o castelo, explorar





as dependências abertas ao público e, no final, almoçar um típico fondue de queijo, especialidade da região.

A sobremesa também precisa figurar no pedido, principalmente durante os meses de verão: morangos ou framboesas frescas cobertas com o insubstituível *double crème* (é o creme de leite fresco local, de consistência tão grossa que sequer derrama quando o pote é virado de cabeça para baixo!). Já vamos adiantando que o número de calorias contidas num pequeno pote, por menor que seja, equivale a pelo menos dois copos de açaí...

Aliás, é bom lembrar que o famoso queijo gruyères é fabricado na proximidade, numa fábrica localizada ao pé do morro, junto ao Museu do Queijo. As suas portas abrem para o público, que também pode assistir de camarote como é manufaturado um dos produtos mais afamados da Suíça. O que vai surpreender o visitante é notar que bastam três a quatro homens para produzir



uma quantidade enorme de queijos com uma eficiência de dar água na boca.

Apesar de existirem alguns hotéis dentro e fora do recinto pedestre, na realidade algumas horas são suficientes para explorar todo o vilarejo e os pontos de interesse. O movimento nos finais de semana é intenso, e o que se vê sempre são casamentos. É de praxe a noiva atravessar o centrinho, acenando para uma plateia que sequer conhece. Mas, mesmo assim, todo mundo aplaude.

Ao entardecer, a cidade volta a ter ares de uma pacata vila medieval. Quem pernoita tem o privilégio de sentir uma atmosfera bem diferente, quando as ruas estão praticamente desertas: quase ninguém circula na praça, e o castelo e as lojinhas cerram as portas.

Mas, para o turista exigente e aventureiro, Gruyères não acaba necessariamente após um dia. Não faltam

programas alternativos para quem gosta de passear e explorar a natureza, tão especial nesta região. Longas caminhadas devem ser selecionadas a dedo e prometem um espetáculo visual difícil de comparar. Sob a supervisão de guias experientes, pode-se optar desde as trilhas temáticas, como conhecer o caminho das queijarias e todos os segredos de sua fabricação, até aventuras mais radicais que incluem descidas em grutas, *rafting*, parapente e outros esportes radicais.

FICHA TÉCNICA DO QUEIJO GRUYÈRE

Aparência: forma redonda, com uma casca amarelo-ouro e uma consistência interna firme, de cor marfim a amarelo claro.

Sabor: frugal, sóbrio, realçado pelo maior ou menor teor de sal. Existem três tipos de queijo: o salgado, o semi-salgado e o sem sal.

Maturidade: a partir de 5 meses a 12 meses ou mais.

Peso: 25kg a 40kg, Peso médio: 35 quilos.

Altura: 9,5 cm a 12 centímetros.

Diâmetro: 55 a 65 centímetros.

Salinidade: 1,4% em média.



RECEITA DE TERRINA DO LENHADOR:

Ingredientes:

75g de nozes sem casca
 150g de gruyère
 2 gemas
 3 folhas de gelatina
 300g de creme de leite fresco
 sal e pimenta

Modo de preparar:

Amoleça as folhas de gelatina na água fria.

Pique as nozes.

Rale o queijo.

Bata o creme de leite, reservando 3 colheres de sopa para a gelatina.

Misture o queijo, as nozes, as gemas e o creme batido. Acrescente sal e pimenta.

Dissolva a gelatina no restante do creme levemente aquecido.

Junte todos os ingredientes numa forma para resfriar na geladeira por 6 a 8 horas.

COMO CHEGAR:

O aeroporto mais perto de Gruyères é Genève. A Swiss (swiss.com) e a TAM (tam.com.br) têm voos do Rio e São Paulo com conexão em Zurique.

De carro:

De Genebra são 110 km. Pegue a estrada em direção a Bern e fique atento para a indicação do cantão de Fribourg. Siga placas de Bulle, cidade localizada a 5 quilômetros de Gruyères.

De trem:

Para chegar até Bulle, há trens vindos de todas as direções, como Lausanne, Genève, Montreux, Bern, Zurique e Fribourg. Mas nem todos são diretos.

Um trenzinho vermelho, bem típico, percorre os 5 quilômetros que separam Bulle de Gruyères.

Há vários horários.

ONDE FICAR:

Hostellerie des Chevaliers. Na entrada do vilarejo, mas fora do recinto. A vista dos quartos que dão para a

montanha e o vale é deslumbrante. Tem bom restaurante. www.chevaliers-gruyeres.ch Tel.: 026 92 11933

Hostellerie St. Georges – Rue du Bourg 22, no centro do vilarejo. www.hostellerie-saint-georges.com Tel.: 026 921-8300. Bem localizado, mas pode ser barulhento, principalmente nos finais de semana.

Hotel Fleur de Lys. Localizado na praça do centrinho. www.hotelfleurdelys.ch Tel.: 26- 921-8282. Peça um quarto com vista para o vale. Além de ser calmo, a paisagem é belíssima.

ATIVIDADES ESPORTIVAS:

Gruyère Escapade – Tel.: 26 921 3994

info@gruyere-escapade.ch

www.gruyere-escapade.ch

Rafting, balão, parapente, caminhadas e muitos outros esportes e aventuras são oferecidas por esta agência local, que explora a região de Gruyère e Fribourg.

VINHOS BRANCOS AMADEIRADOS: ótima pedida para dias mais frios



Foto: Freepik

Com a chegada da época mais fria do ano, a ideia de um bom vinho para acalantar uma noite gélida vem à mente rapidinho. E muitas vezes é inevitável associar o “calor” do vinho a um belo exemplar de tinto.

Porém, dias mais frios podem também ser acompanhados por um bom vinho branco. O *sommelier* Jonas Martins, gerente da MMV Importadora, explica sobre essa “lenda” de que vinho branco é apenas para dias mais quentes.

“Muitas pessoas associam o branco ao calor porque normalmente esse vinho é servido gelado. Assim como o vinho tinto, tanto pela sua cor como pelo fato de ser servido à temperatura ambiente, traz a sensação de ser um vinho mais de inverno”, diz o sommelier.

A sensação de “calor” proporcionada por qualquer bebida, e procurada especialmente em dias frios, é oriunda do grau alcoólico. Quanto mais “alcoólico” um vinho, maior a sensação de calor que ele proporciona.

Ou seja, um vinho branco com alto teor alcoólico esquenta sim!

Segundo Martins, não existem vinhos de “verão” ou de “inverno”, mas o que realmente faz diferença são as características do vinho. Para explicar sobre a temperatura dos brancos é necessário entender sobre a temperatura dos vinhos tintos – o equilíbrio de um vinho tinto é estruturado em torno de três fatores: os taninos, a acidez e o seu teor alcoólico.

E a grande questão está nos taninos. Os taninos estão presentes no vinho tinto devido a presença das cascas das uvas durante a fermentação, o que confere também a coloração do vinho. Como o vinho branco não é fermentado junto da casca, não há presença de taninos e o tripé de equilíbrio do vinho fica desbalanceado. Geralmente, vinhos brancos tomados à temperatura ambiente são muito ácidos, tornando a experiência desagradável.

Para trazer equilíbrio à bebida, o vinho branco (assim como espumantes e vinhos rosés) deve ser gelado, pois a bebida gelada causa a contração das papilas gustativas ao tocar a língua e auxilia no equilíbrio desse vinho em boca, transformando a acidez em frescor, trazendo harmonia ao conjunto.

Jonas Martins, porém, ressalta que vinhos brancos amadeirados, ou seja, que passam por barris durante seu processo de fermentação ou envelhecimento,

podem ser consumidos a uma temperatura mais elevada (sem estarem muito gelados) por conta de um fator no processo de produção.

Tais vinhos passam por um processo conhecido como *Fermentação Maloláctica* durante sua passagem por madeira, que é quando o ácido málico (semelhante à acidez marcante de uma maçã verde) é transformado em ácido láctico (como o presente no leite e seus derivados), bem mais agradável e que gera uma sensação de amanteigado na boca. Do ponto de vista químico, o ácido láctico é um ácido menos reativo com o oxigênio, e além de deixar o vinho menos agressivo também confere característica de guarda para as bebidas.

“Dessa maneira, o equilíbrio do vinho com base no tripé é muito mais harmonioso, o que faz com que não seja necessário baixar demais a temperatura do vinho”, reforça Jonas Martins, ao explicar que um vinho branco amadeirado pode ser servido entre 10 e 14 graus, en-



Foto: Freepik

quanto vinhos brancos mais convencionais devem ser servidos entre 6 e 8 graus.

DICAS DO SOMMELIER

A MMV Importadora de Vinhos tem em seu portfólio alguns vinhos brancos amadeirados que são ótimas pedidas para o inverno.

O *Viapiana VIA 1986 Chardonnay*, vinho brasileiro da região de Flores da Cunha (RS), estagia em barris de carvalho por 14 meses e apresenta 13% de teor alcoólico. Fino ao nariz, remete aos grandes Chardonnays do mundo, com aromas de abacaxi e pêsego maduros misturados a creme de avelã, chocolate branco e mel. Na boca é cremoso, encorpado, com alta acidez e final bem longo.

Já o *Fortunatus Reserva Especial Chardonnay*, produzido na região do Vale Central no Chile, pela Viña Alto Roble, envelhece “*sur lie*” em barris de carvalho francês novos por seis meses e tem 14% de teor alcoólico. Cremoso e macio em boca, com final macio,

tem aromas de frutas tropicais, como abacaxi e maracujá, toques de baunilha e nozes tostadas.

Finalmente, o português *Monte da Capela Branco Reserva Doc*, produzido no Alentejo, pela Casa Clara, envelhece três meses em barris de carvalho francês novos com 12,5% de teor alcoólico. Em boca é um vinho de personalidade, com acidez alta e estrutura marcante, apresentando no nariz aromas de frutas amarelas frescas, como abacaxi e pera, com toques de casca de laranja.

HARMONIZAÇÃO

Harmonizar um bom vinho com uma comida reconfortante é fundamental. Para os brancos amadeirados, uma ótima dica é a harmonização com carne de porco.

Outra opção de prato que cai muito bem em um dia frio e que combina com o branco amadeirado é a Polenta Cremosa com Ossobuco, encontrada em diversos restaurantes italianos do país. Normalmente a polenta é feita com creme de leite e o ossobuco marinado por várias horas, o que lhe confere sabor e maciez.



Fotos: Divulgação





Foto: Além Silva

O SEGREDO DA MOQUECA BAIANA

Moqueca de Peixe com camarões, arroz de coco queimado e farofinha de banana da terra é uma deliciosa sugestão de um prato típico baiano

Quer aproveitar a gastronomia do Itacaré Eco Resort sem sair de casa? Aprenda a preparar a autêntica “Moqueca de Peixe com Camarões”, uma das iguarias do cardápio do *resort*.

Concebido por Jandes Morais, novo *chef* do *resort*, a receita leva ingredientes regionais, entre eles pimenta doce, coentro, azeite de dendê, leite de coco e coco fresco. Confira a seguir o passo a passo.

PARA A MOQUECA

Ingredientes:

50g de alho
100g de cebola
100g de pimentão amarelo
100g de pimentão vermelho
20g de pimenta doce (de cheiro)
100g de tomate
1 limão taiti
1 limão siciliano
50g de salsinha
50g de coentro
10g de gengibre
50ml de azeite de oliva
100ml de azeite de dendê
400ml de leite de coco
1 peixe branco com cerca de 250 g (robalo, pescada ou badejo)
250g de camarão

Modo de Preparo:

1. Corte duas rodellas de cada pimentão, cebola tomate para decoração. Corte o restante em cubinhos.
2. Divida o peixe ao meio e tempere junto com os camarões. Utilize o azeite, sal, raspas e sucos dos limões, gengibre, pimenta do reino, pimenta doce, e deixe marinar por 5 minutos..
3. Doure o alho no azeite de dendê, junte a cebola, os pimentões e o tomate e refogue bem.
4. Acrescente o peixe e deixe dourar, junte o leite de coco e deixe ferver até que esteja cozido e macio. Acrescente os camarões e deixe mais um pouco, com cuidado para não endurecer.

Montagem:

Coloque a moqueca em uma panela de barro e finalize com as rodellas dos ingredientes separados. Finalize com a salsinha e o coentro, corrija o sal se precisar, deixe ferver e sirva.

Dica:

Caso aprecie um pirão, separe um pouco do caldo antes da montagem e acrescente farinha de mandioca aos poucos, sempre mexendo para ficar lisinho.

PARA O ARROZ

Ingredientes:

300g de arroz cozido
100ml de leite de coco
50g de coco fresco (ralado grosso)

Modo de Preparo:

1. Doure o coco no forno ou em uma frigideira.
2. Junte todos os ingredientes e esquente.

PARA A FAROFA

Ingredientes:

50ml de azeite de oliva
150g de farinha de mandioca torrada
150g de banana da terra madura
5g de sal

Modo de Preparo:

1. Corte a banana em cubos, dore um pouco no azeite, e acrescente a farinha de mandioca. Corrija o sal.

RENDIMENTO: 2 porções



Foto: Dudamedeiross / Wikipédia

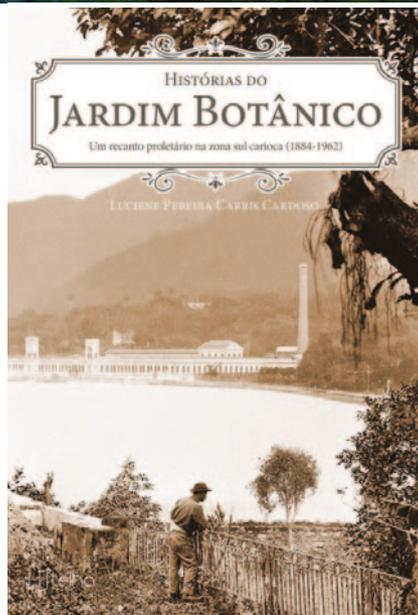


Foto: Divulgação

LIVRO NARRA A HISTÓRIA E O ÍNTIMO DO JARDIM BOTÂNICO

Um dos bairros mais icônicos e referenciados do Rio de Janeiro através do olhar de historiadora carioca

Famoso reduto de ilustres cariocas como Tom Jobim e Machado de Assis, o bairro do Jardim Botânico tem a aura e o DNA do carioca. Uma história que se inicia como um bairro proletário, pensado para abrigar imigrantes, que sofre drásticas transformações e, hoje, torna-se a fotografia da famosa “elite carioca”, com mansões, biodiversidade preservada e muitas histórias a serem descobertas. Essas peculiaridades, em sua maioria, foram compiladas em *“Histórias do Jardim Botânico: Um recanto proletário na zona sul carioca”* (Ed. Telha), pelas mãos da doutora em História pela UERJ Luciene Carris.

No livro, os acontecimentos históricos que moldaram a linha do tempo do bairro se entrelaçam com as histórias pessoais da autora, moradora do Jardim Botânico há 40 anos, de uma forma que mescla romantismo e informação numa só obra. A publicação traz fatos desse bairro tão simbólico da zona sul e que muitos moradores devem desconhecer.

O leitor descobrirá que a criação da instituição que nomeia o bairro partiu de Dom João VI, e que ilustres como Albert Einstein e a Rainha Elizabeth II estiveram por lá. Em paralelo, irá conhecer os bastidores das muitas manifestações e disputas políticas e ideológicas que levaram multidões às suas ruas em busca de mudanças.

“Quando se fala do Jardim Botânico se pensa, evidentemente e com razão, nesse passado imperial, com a

criação do Jardim após a vinda de D. João VI. O local, também é conhecido como o “bairro dos artistas”, um bairro aristocrático. Mas pouco se conhece do seu passado rural, do movimento operário, das fábricas e dos imigrantes”, afirma Luciene.

SOBRE A EDITORA TELHA

A Telha é uma editora independente voltada para a publicação de obras críticas sobre temas contemporâneos.

SOBRE A AUTORA

Luciene Carris é mestre e doutora em História pela UERJ. Realizou estágios pós-doutorais no Laboratório de Geografia Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (2013) e no Departamento de História da PUC-RIO (2019).

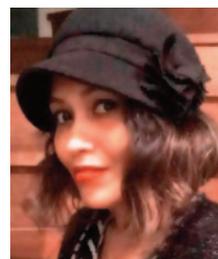


Foto: Divulgação

Serviço:

Histórias do Jardim Botânico:

Um recanto proletário na zona sul carioca

Autora: Luciene Carris

Editora: Telha

Páginas: 250

Preço: R\$ 59,00

O PARAÍSO EDITADO DE MICHAEL ARMITAGE

Texto e fotos Maria Hermínia Donato



*Untitled – Brother wise
hooking wisdom
& freedom (Sem título –
Irmão sábio ganhando
sabedoria e liberdade),
1992*



Midas (Midas), 2019

O “Freedom Day” (Dia da Liberdade) chegou no Reino Unido acompanhado da *pingdemic* (um jogo de palavras compostas pelos termos “pandemia” e “ping”- som do aplicativo). Quando “pingado”, você é aconselhado a se isolar por 10 dias. Nas últimas semanas, o número de pessoas “pingadas” aumentou e, apesar da “nova

liberdade”, somos aconselhados a agir com precaução. Há muita controvérsia sobre a abertura total do lockdown. Nunca se agradou gregos e troianos, o que dificilmente aconteceria agora, quando todos procuram ganhar o “tempo perdido” e aproveitar o verão.

Mascarada – apesar do uso não ser compulsório por aqui – fui ver a exposição *Paradise Edit (Paraíso Editado)* do artista Michael Armitage, na *Royal Academy* em Piccadilly, na região central de Londres.

A mostra foi organizada pela Haus der Kunst, grande instituição de arte contemporânea em Munique, contendo 27 pinturas, além de desenhos e litografias. A versão da RA, entretanto, é reduzida, mas mantém a força visual do jovem artista, reafirmando sua importância no universo da arte.

O título da exposição se refere não só à edição das obras de uma instituição para outra, como também questiona o clichê que o Ocidente tem da imagem do Paraíso Africano. Os estereótipos reduzem a cultura e só promovem uma imagem exótica das paisagens e dos animais.

As pinturas do artista questionam os legados do colonialismo e o objeto de desejo ocidental de exotizar culturas africanas. Para ele, a ideia de exotismo sempre foi importante, uma questão fundamental de identi-



The accomplice (O cúmplice), 2019

dade, de fora e de dentro. Enquanto crescia, o lugar exótico não era o Quênia, era o Reino Unido.

Michael Armitage nasceu em 1984, em Nairóbi. O pai inglês, a mãe da cultura Kikuyu. Treinou na *Slade School of Art* e na *Royal Academy of Arts* em Londres. Trabalha entre Londres e Quênia: na capital inglesa, geralmente cria as suas pinturas, no país africano desenha e pesquisa para as suas obras baseadas na sociedade política e cultura da África Oriental.

As pinturas do artista, coloridas e instigantes, são feitas a óleo em tecido de casca de Lubugo, material usado tradicionalmente em rituais funerários pela tribo Baganda de Uganda. O pano é extraído da casca da árvore, surrado durante um período de vários dias, resultando num tecido fibroso que quando esticado tem buracos ocasionais e costuras marcando recuos grosseiros na tela.

Segundo Armitage o uso de Lubugo (material que ele descobriu em um mercado turístico em Nairóbi) é ao



Baboon (Babuino), 2016

mesmo tempo uma tentativa de localizar e desestabilizar o tema de suas pinturas. Suas obras revelam as desigualdades sociais e a violência no Quênia, mas são realizadas com um colorido diferente das representações tribais com as paletas terrosas.

A influência de mestres como Goya, Tiziano, Manet e Gauguin pode ser encontrada na composição e combinações de cores das obras. O olhar do expectador é levado através dessa familiaridade a ver múltiplas narrativas que são históricas e atuais das lembranças do Quênia pelo artista.

Animais estão presentes em suas pinturas, e os macacos, associados com diabruras, também evocam estereótipos racistas de homens negros, fato infelizmente

comum até hoje, como recentemente demonstrado na mídia após o jogo entre Inglaterra e Itália, no Campeonato Europeu de Futebol.

Em *Baboon (Babuino)* (2016), o artista mostra o animal na pose reclinada tradicional da arte e usada por Tiziano ou Ingres. Uma penca de bananas cobre a virilha do babuíno protegendo e escondendo seu pênis, quase como uma paródia ao pudor cristão. Armitage teve uma educação cristã muito comum nas famílias do Quênia.

As pinturas de *Paradise Edit* se baseiam no interesse do artista sobre as relações de poder de um líder e seus seguidores. Sua pesquisa foi feita quando acompanhou uma equipe de televisão do Quênia na cobertura de um comício para o presidente em exercício, Uhuru Kenyatta, na sua campanha eleitoral (2017).

A experiência e os desenhos criaram um número enorme de protagonistas para várias de suas obras. E muitos se assemelham aos protagonistas encontrados nas pinturas contemporânea brasileira.

The Fourth Estate (2017), um dos trabalhos inspirados pelo comício, tem como referência uma gravura de Goya. Tanto a pintura de Armitage quanto a gravura de Goya – *Los Disparates* – retratam um grupo de figuras sentadas no alto de uma árvore olhando um evento



The fourth estate (O quarto espólio), 2017 e detalhe da obra

que ocorre em segundo plano, distante. As duas obras criticam as condições políticas dos seus respectivos países em diferentes épocas. A História se repete.

ODE À TRADIÇÃO

Armitage cede uma sala da exposição para artistas mais velhos da África Oriental: Meek Gichugu, Jak Katarikawe, Theresa Musoke, Asaph Ng'ethe Macua, Eliko Njau and Sane Wadu, que o influenciaram e mostram a tradição modernista não europeia à qual suas obras pertencem.

A generosa escolha de compartilhar seu espaço reflete claramente sua própria visão e importância da arte. Em Nairóbi, por exemplo, o artista criou um espaço sem fins lucrativos, o *Nairobi Contemporary Art Institute (NCAI)*, para expor e promover cenas de arte contem-

porânea. O espaço também possui um arquivo crescente com o objetivo de contar a história da arte e dos artistas da África Oriental.

Tive a oportunidade de visitar seu estúdio antes de seu sucesso (exposição no *White Cube* em 2015, na *South London Gallery* em 2017, sua inclusão na Bienal de Veneza 2019, *Figuras Radicais* na Galeria Whitechapel em 2020).

Na ocasião, falava sobre o uso do pano do Lubugo e as mudanças que precisou fazer para adaptar sua técnica. A importância do seu legado africano. A imagem que tenho da visita são os desenhos colocados de maneira informal em uma das paredes. O começo dos seus protagonistas.



Eliko Njau,
Dream Landscape
(*Paisagem de sonho*),
1968

Oxigene seu negócio.
Aqui você só encontra notícias boas.
Revista mensal, online e gratuita.

OXIGÊNIO
revista

SOLICITE NOSSO MÍDIA KIT
oxigeniorevistabr@gmail.com